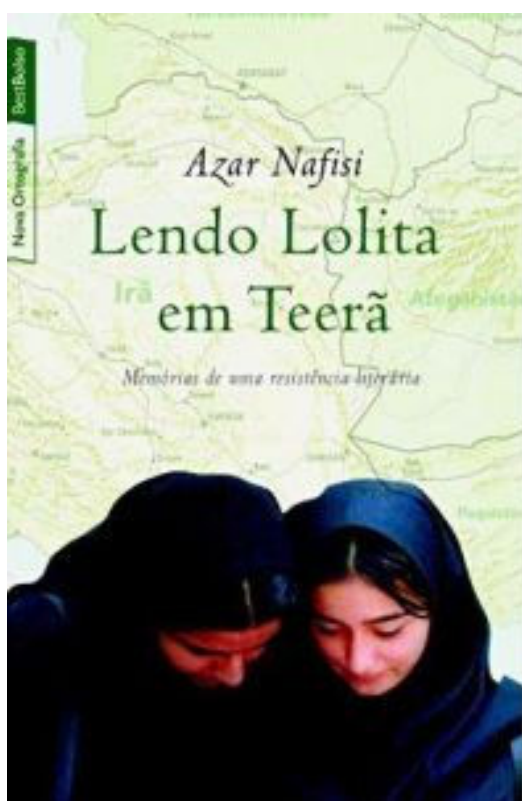


Resenha:

NAFISI, Azar. *Lendo Lolita em Teerã: memórias de uma resistência literária*. Rio de Janeiro: Edições BestBolso, 2009 (420p.).

A república contra as mulheres

Antonio Ozaí da Silva*



Há livros que compensam a leitura. A obra *Lendo Lolita em Teerã*, escrito por Azar Nafisi, é um deles. É um livro autobiográfico. A autora, nascida no Irã, mas que vivia no estrangeiro desde os 13 anos, retornou à Teerã em 1979. Então, a derrubada da monarquia autocrática do Xá Reza Pahleva gerara expectativas de mudanças políticas. Os desdobramentos da Revolução Iraniana não confirmaram as esperanças e o que se seguiu foi o domínio da teocracia liderada pelo Aiatolá Khomeini. Apesar

do regime ditatorial, Nafisi permaneceu no Irã por 18 anos. Professora de Literatura, lecionou na Universidade de Teerã de 1979 a 1981, quando foi expulsa por não obedecer aos ditames da política teocrática. Tempos depois, voltou a lecionar na Universidade Livre Islâmica e na Universidade Allameh Tabatai.

Lendo Lolita em Teerã nos permite conhecer os aspectos políticos, culturais, sociais e o cotidiano da República Islâmica do Irã, pelo olhar privilegiado de uma mulher intelectual que viveu e sobreviveu àqueles anos conturbados. Não por acaso, o subtítulo do livro é “memórias de uma resistência literária”. Quando se viu impossibilitada de exercer a docência, Azar Nafisi formou um grupo de alunas que, na clandestinidade, liam e estudavam autores como Vladimir Nabokov, F. Scott Fitzgerald, Henry James e Jane Austen. Ela relata esta experiência, entremeada pelos acontecimentos políticos que transformaram o dia-a-dia dos iranianos.

Com Azar Nafisi aprendemos sobre literatura, mas sobretudo sobre a vida real de homens e mulheres submetidos à opressão política. A dominação de gênero é legitimada pela religião e o poder político. A República Islâmica visa especialmente a submissão das

mulheres, embora também reprima todo e quem ouse desafiar o poder das autoridades.

Nenhuma obra é imparcial e isenta de valores. Nafisi não oculta seu ponto de vista, sua escrita é comprometida. Não obstante, demonstra integridade intelectual e permite aos leitores, como na literatura que analisa, apreender a complexidade da conjuntura e dos indivíduos concretos envolvidos no palco da história. Também o leitor dificilmente sairá ileso, pois trata-se de uma obra que pressupõe posicionamento.

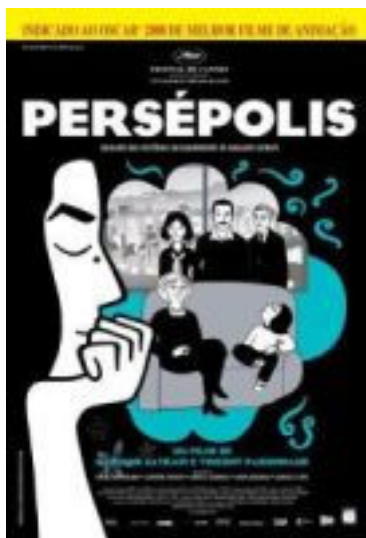
Lendo Lolita em Teerã também tem caráter pedagógico, afinal trata-se da história de vida de uma professora e apresenta os ingredientes que envolvem a *práxis* docente num ambiente de restrições das liberdades mais elementares necessárias ao exercício da docência. Embora seja outra cultura, diferente da nossa, há aspectos pedagógicos comuns que contribuem para a reflexão sobre o ato educativo, o ensinar e aprender. Basta observar com

carinho como transcorrem as relações entre a autora e seus alunos – em especial, as alunas – e com os seus colegas no *campus*. As questões pedagógicas são necessariamente políticas, politizadas e politizantes. Por exemplo, quando os alunos exigem a mudança do currículo, que autores como Ésquilo, Shakespeare e Racine fossem substituídos por Brecht, Gorki e Marx e Engels. Para eles, a teoria revolucionária era mais importante. Depois, todos seriam submetidos ao rígido controle político dos aiatolás e o *campus* moldado à imagem e semelhança dos intérpretes da lei islâmica.

Ironicamente, eles desprezavam as liberdades individuais, ditas burguesas; foram tragicamente perseguidos e tiveram a liberdades suprimida. Vários foram assassinados.

Lendo Lolita em Teerã é uma obra que permite conhecer melhor a realidade cultural, social e política da República Islâmica do Irã. Vale a pena ler! A propósito, também sugiro que assista

ao filme [Persepólís](#).



* **ANTONIO OZAÍ DA SILVA** é Professor do Departamento de Ciências Sociais, Universidade Estadual de Maringá. Email: aosilva@uem.br Publicado originalmente no [blog](#).